

O SÉCULO DE BORGES

Eneida Maria de Souza

O SÉCULO DE BORGES

2ª edição

Revista e ampliada pela autora.

1ª edição, de 1999, publicada
com a Contra Capa Livraria.

autêntica

Copyright © 1999 by Eneida Maria de Souza

CAPA

Christiane Costa

(Sobre imagem de Horacio Villalobos/CORBIS)

REVISÃO

Carolina Lins Brandão

EDITORACÃO ELETRÔNICA

Waldênia Alvarenga Santos Ataíde

Tales Leon de Marco

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Rua Aimorés, 981, 8º andar. Funcionários
30140-071. Belo Horizonte. MG

Tel: (55 31) 3222 68 19

TELEVENDAS: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Souza, Eneida Maria de

O século de Borges / Eneida Maria de Souza. — 2. ed. rev. conforme novo acordo ortográfico. — Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

ISBN 978-85-7526-379-2

1. Borges, Jorge Luis, 1899-1986 - Crítica e interpretação 2. Escritores argentinos - Biografia I. Título.

09-01059

CDD-ar868.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Argentina : Século 20 : Escritores : Crítica e interpretação ar868.4
2. Escritores argentinos : Século 20 : Crítica e interpretação ar868.4

1899 – 24 de agosto, por escassíssima margem, pertence ao século XIX. De tantos símbolos tramados e entretramados ao redor da vida de Jorge Luis Borges, não existe um mais surpreendente que este: seu nascimento na iminência de uma morte, a do século. Clausurar um tempo e abrir outro, o passado e o presente, os antepassados e o porvir de uma literatura. Melhor dir-se-ia de uma escrita e sua contrapartida, a leitura.

Enrique Foffani

SUMÁRIO



Minha terra tem palmeiras	9
Borges entre dois séculos	19
Lo cercano se aleja	33
Um estilo, um <i>aleph</i>	47
Ficções e paradigmas	55
Histórias de família na América	65
A letra e o nome	69
A Borges o que é de Borges	75
A morte e o sonho heroico	79
Genebra, 14 de junho de 1986	85
O verbete Borges	97
Referências	107
Nota.....	111

BORGES ENTRE DOIS SÉCULOS



A comemoração do centenário de Borges nesse final de milênio une as pontas de dois séculos, como se a literatura do século XX coincidissem com o nascimento do escritor. Curiosamente, Oscar Wilde – um dos autores mais próximos de Borges – morre desconhecido em 1900, num hotel de Paris, abrindo o novo século para as gerações vindouras e marcando o fim do culto da personalidade literária. A partir daí, a consagração autoral passará por momentos de crise, graças ao reconhecimento de ser a criação um gesto múltiplo e à descoberta do inconsciente por Freud, que abalaria o estigma da racionalidade positivista do século XIX. *A Interpretação dos sonhos*, obra inaugural da ciência onírica, acende as luzes do século XX, assim como libera o incontrolável processo de associação das imagens, pelo qual a literatura se exercita e atua como referência. Proliferam as explorações do tema do duplo, do destino e do acaso, bem como do jogo de espelhos e de simulações causado pelo desconhecimento do sujeito de suas ações, da caída no abismo e do brinquito com o labirinto.

1900 registra ainda a morte de Nietzsche, vítima da demência, abrindo o século para uma de suas mais ousadas vertentes filosóficas, responsável pelo

rompimento dos conceitos de genealogia e de origem e pela transformação espacial da invenção do sentido, envolto na transparência da superfície e longe da sedução enganosa da profundidade. A data de morte do filósofo inaugura o século que irá fazê-lo um de seus mais significativos emblemas, assim como acompanhará os passos tortuosos da ficção de Borges. O desprezo do autor de *O Aleph* por Freud e sua preferência por Jung, os pré-socráticos, os budistas e Schopenhauer, não eliminam as inúmeras coincidências da poética borgiana com o pensamento freudiano: ambos se pautam pela desconfiança em relação ao controle do sujeito ante o discurso e se valem do estatuto da ficção como poder criador. Mas é Nietzsche quem mais sopra no ouvido do escritor, seja para romper as barreiras interdiscursivas, seja para acenar à invenção de realidades como mola condutora do pensamento moderno, seja para endossar a morte do humanismo como categoria filosófica e cristã.

Ainda que tenha nascido no apagar das luzes do século XIX, Borges imprime no século XX o seu traço ficcional, tornando-o borgiano, da mesma forma que Foucault lançou a previsão filosófica a propósito de Deleuze, ao afirmar que este século seria deleuziano. Percebe-se que o fascínio de Borges é incalculável quando se analisam os diferentes legados desse pensamento no Ocidente, vinculados à linguagem da crítica literária, voltada para o culto da linguagem como um fim em si ou para a abordagem de temas caros às Ciências Humanas, tais como: a questão da falta como mobilização do vazio da linguagem; a existência da verdade estética como correlata à ética discursiva; a reflexão sobre o fim do aspecto referencial dos discursos, e sobre o fim da história. O caráter artificial da construção artística, levada a seu

máximo pela poética borgiana, por meio da noção ilusória dos acontecimentos e do pastiche de textos da biblioteca mundial, responde pelo grau de virtualidade instaurado na estética e na ciência contemporâneas.

As imagens emblemáticas da biblioteca de Babel criadas por Borges se articulam com a lógica serial do universo, por conterem e ao mesmo tempo dissolverem qualquer sentido de propriedade do sujeito perante os objetos, perdendo-se, enfim, na impessoalidade e no absurdo. A irrupção desse sujeito no universo de tinta e de papel – a grande metáfora da literatura se expande para a da ficção – permite encará-lo como representante do mundo de *faz-de-conta*, fruto da infinita montagem e desmontagem da verdade e da mentira dos livros e dos catálogos. Pela exaustão de saberes contidos na biblioteca, o vazio aí instalado torna-se cada vez mais visível na sequência desordenada dos comentários e na imbricação de livros uns sobre os outros.

O artigo de Beatriz Sarlo “Borges, crítica y teoría cultural”, que assinala a participação do autor em relação às revoluções culturais processadas nas primeiras décadas do século XX, entre elas a da indústria cultural, torna-se imprescindível para que se compreenda a posição de Borges como intelectual argentino. Segundo a ensaísta, os intelectuais das elites letradas não permanecem indiferentes nem à margem dessas transformações de ordem cultural. Mantêm-se ora como produtores da cultura de massa, por intermédio da qual Borges publica, na revista *Crítica*, os relatos da *Historia universal da infâmia*, ora como os que reconsideram o lugar em que se encontra a “alta literatura”, no marco de um mundo simbólico cada dia mais estratificado (SARLO, 1999). Ainda que Borges se

mantenha afastado das grandes correntes teóricas deste século, como a psicanálise, o marxismo, o existencialismo e a fenomenologia, Sarlo admite que não é menos verdadeiro que o escritor revele-se sensível aos problemas que emergem da conjuntura ideológica e que afetam o imaginário coletivo:

As democracias de massa, o caráter plebeu das sociedades que se modificam no primeiro pós-Guerra, o conflito entre elites tradicionais e intelectuais de novo tipo é o marco de suas intervenções apenas aparentemente literárias. (SARLO, 1999, p. 10)

Com base na estreita relação entre os princípios comuns do imaginário filosófico moderno e ficcional, a presença de Borges nessa rede interdisciplinar e interdiscursiva funciona, contudo, como outra voz que se integra às demais. É importante reconhecer que a máquina produtora de ficções permeia as disciplinas e não constitui privilégio apenas da literatura, entendida como a ocupante de um lugar especial e hegemônico. A diluição do conceito de um só paradigma norteando o pensamento contemporâneo é de extrema importância para se refletir sobre a relação de superfície e de horizontalidade existente entre as diferentes disciplinas. É impossível pensar, a partir dessa reviravolta conceitual, no estabelecimento de articulações hierárquicas e verticalizadas na relação entre os discursos. Nesse sentido, o século XX passa, inevitavelmente, por explicações que vão da filosofia à ficção, permeadas por inserções de natureza histórica, psicanalítica, antropológica e política.

Com o gradativo declínio do paradigma científico, os estudos literários também foram impelidos a reformular conceitos e metodologias, na esteira de posições pós-estruturalistas. Entre as inúmeras portas

abertas pelos teóricos, algumas persistiram na linha analítica de base imanentista e textualista – com forte influência dos princípios próprios à semiologia, à psicanálise e à filosofia – e outras partiram para o resgate da História e do contexto políticossocial. A importância atribuída à ficção como categoria que percorre os variados discursos e teorias recebe tratamento diferenciado e depende da função a ela atribuída. O equívoco cometido por algumas posições metodológicas exercidas na atualidade consiste em considerar o estatuto da ficção segundo critérios essencialistas, descontextualizando diferentes manifestações literárias e artísticas em defesa de uma pretensa ontologia.

Se o texto literário de Borges é uma referência imprescindível para se repensar o século XX como dominado pelo paradigma da ficção e, mais precisamente, pela ausência de limites entre a realidade e a sua construção virtual, os defensores de uma ética literária e histórica não se contentam em aceitar tais provocações. Os princípios da estética pós-moderna, considerados pela crítica tradicional como desnortadores e inconsequentes, seriam os responsáveis pela atual ausência de critérios na avaliação dos distintos discursos que integram o pensamento contemporâneo. Dentre esses princípios, citem-se o exercício do pastiche como resposta à criatividade neovanguardista, a concepção do discurso histórico como construção artificial, a desconfiança em relação à veracidade dos documentos e a relatividade dos valores como resultado da diluição de textos considerados hegemônicos. A censura a esses pressupostos é feita em nome da defesa da ética e da ideologia de determinados grupos. A crítica literária se posiciona, portanto, ora com vistas à preservação dos valores literários canonizados pelo alto modernismo, ora aceitando esses princípios

como marca borgiana por excelência de um modo de pensar a literatura e os sujeitos que a interpretam. Outra vertente, de natureza hermenêutica, voltada para a diferença entre o pacto ficcional e o biográfico, tende a separar rigidamente os acontecimentos entre aqueles reais e aqueles inventados, o documento histórico da ficção.

Como leitor da tradição de escritores considerados clássicos, Calvino escolhe Borges como um dos nomes para constar de sua biblioteca, composta, na sua maioria, de autores europeus. O escritor argentino responde pela estética da brevidade e pelo apuro da geometria, parâmetros literários caros ao escritor italiano e marcas registradas da poética moderna. O grau de potencialidade representado pela obra de Borges reside na fabulosa metáfora da literatura, levada à enésima potência e compartilhada por Calvino, principalmente quando este entende ser tal qualidade o que torna a obra de arte liberta das prisões causalistas da História e aberta aos infinitos jogos de significação:

O que mais me interessa anotar aqui é que nasce com Borges uma literatura elevada ao quadrado e ao mesmo tempo uma literatura como extração da raiz quadrada de si mesma: uma “literatura potencial”, para usar um termo que será desenvolvido mais tarde na França, mas cujos prenúncios podem ser encontrados em *Ficciones*, nos estímulos e formas daquelas que poderiam ter sido as obras de um hipotético Herbert Quain. (CALVINO, 1993, p. 249)

Com o intuito de esclarecer o lugar ocupado pela ficção de Borges no interior das Ciências Humanas, a escolha de três ensaios, cujo objeto de análise é a sua obra, pretende examinar diferentes posições relativas aos três teóricos escolhidos. Dentre essas, duas são

contrárias à ficcionalização do universo borgiano, operação entendida segundo um critério universalizante que atinge outras áreas; a terceira mostra-se favorável à posição da obra do escritor ante as demais disciplinas, sendo interpretada como “emblema desta era”. Nos dois primeiros casos, representados pelos ensaios de Luiz Costa Lima (1998) “Aproximação de Jorge Luis Borges” e de Roland Quilliot (1988) “La fascination moderne de l’impersonnel”, são discutidas as diferentes acusações de a obra borgiana ser considerada uma das referências para balizar o grau de ficcionalização dos conceitos que integram o universo teórico do século XX. O texto de Lisa Block de Behar “A invenção teórica do discurso crítico latino-americano” defende o princípio de ser a imaginação intelectual de Borges capaz de antecipar e de condensar “a ficção e o conhecimento de, pelo menos, meio século” (BEHAR, 1998, p. 15).

O texto de Luiz Costa Lima consiste na reflexão, em contraponto, sobre a teoria por ele desenvolvida acerca do controle do imaginário exercido pelos discursos religiosos e políticos perante o discurso literário, notadamente em épocas históricas marcadas pela censura. Na análise que realiza de certa parcela da crítica literária dirigida à obra de Borges, o ensaísta denuncia outra modalidade de controle, o do ficcional, ao se impor como hegemônico e ilimitado ante os demais discursos. O argumento se baseia na tendência dessa postura crítica de negar as fronteiras discursivas, o que resulta em considerar a obra literária dotada de poderes excepcionais que suplantariam os textos considerados fechados de outras áreas, por exemplo, das Ciências Humanas.

Se a História ocupou no século XIX o lugar de destaque e de controle em relação à literatura, a

linguística passou a ter no século XX, com o estruturalismo, a função de detentora da chave que abriria o intercâmbio disciplinar. Neste final de milênio, a ficção estaria atuando como a mola mestra do saber. Se os dois primeiros exemplos – o paradigma histórico e o linguístico – traduzem a subordinação disciplinar e o racionalismo científico que marcaram o pensamento moderno, o terceiro revela o poder da imaginação como possibilidade de saída para o convívio entre a teoria e a ficção. Movida ainda por princípios hierarquizantes e verticalizados quanto ao exercício da interdisciplinaridade, a crítica literária estaria cometendo o mesmo equívoco das análises anteriores, ao escolher um determinado discurso como aglutinador e capaz de condensar os demais:

Se, no século passado, o romance tinha de imitar a História para se legitimar, Borges contribuiu decisivamente para o modo inverso: o historiador, senão o filósofo hão de se tornar ficcionistas. Este monismo do ficcional não é menos autoritário e controlador quanto qualquer outro. É certo que o ficcional não pode se considerar a si mesmo depositário da verdade, porque seria negar seu próprio estatuto. Ou seja, o limite para o germe controlador que encontramos em Borges, constituído pelo fato de que não pretenda ser senão um ficcionista. (LIMA, 1998, p. 301)

Colocando-se partidário da pluralidade discursiva, o teórico discorda ao mesmo tempo da posição monista dos controladores da ficção – e do imaginário – e daqueles que se inclinam a reduzir todas as manifestações discursivas à invenção ficcional. A culpa, portanto, deixa de ser apenas de Borges, embora este se comporte como o grande inventor de ficções. A culpa também é daqueles que se apropriam desse universo metafórico, alçando-o à categoria de um

modelo ideal, possível de se adequar a qualquer outro. Na condição de fabricante de ficções, torna-se evidente que o lugar ocupado pelo escritor na cadeia dos discursos é de outra ordem. Por essa razão, no entender de Luiz Costa Lima, seria por demais desaconselhável interpretar a obra de Borges segundo um viés exclusivista.

No extremo oposto ao pensamento do teórico brasileiro – embora insistindo na metáfora da ficção como traço diferenciador da obra borgiana – o texto do filósofo francês Quilliot tem como argumento de defesa os princípios humanistas que por muito tempo nortearam a crítica literária e a própria literatura. Diante da desconstrução estruturalista do sujeito e da ação igualmente desmitificadora da ficção moderna, responsáveis pelo desaparecimento de categorias identitárias, racionalistas e essencialistas, o filósofo encontra em Borges a ilustração literária mais fascinante desse estado de coisas. A ficção borgiana apresenta-se como a grande causadora da “instauração da morte no interior de um universo de tinta e papel”, resultando no endosso do desaparecimento da figura do sujeito em um universo dominado por um enredo traçado pelo destino literário.

Mas o que se torna alvo das inquietações do filósofo é a impossibilidade de a obra de Borges conservar a perspectiva realista do mundo. Preso ao mais detestável princípio estético negado pela poética borgiana – o realismo – esse texto consegue apontar o outro lado da moeda, a teoria neo-humanista que pretende controlar o ficcional com base em premissas fortemente ligadas à liberdade, ao livre arbítrio e à salvação do homem. Nesse sentido, Borges representaria o lado obscuro e pessimista da época moderna,

por construir ficções que desmoram as certezas inventadas pela metafísica ocidental: “nenhuma lucidez é possível, o homem é destinado a uma cegueira radical”.¹ O discurso filosófico neo-humanista estaria assim cumprindo a tarefa de ser o guardião do saber moderno, insurgindo-se contra aqueles que contrariam as leis por ele defendidas. Na encruzilhada do final de século, torna-se igualmente inaceitável a imposição de um discurso frente aos outros, principalmente se ele se refere ao ficcional, que, em princípio, não se reduz a redimir os males da humanidade.

Em posição marcadamente contrária à do filósofo francês e à de Luiz Costa Lima, Lisa Block de Behar constata que, na metade do século XX, filósofos, escritores e críticos partem das considerações e da ficção de Borges para a elaboração das teorias e dos paradigmas do pensamento contemporâneo. A imaginação racionalizada da poética borgiana seria uma das razões pelas quais tanto fascínio ela exerce no imaginário crítico desta época, em que as fronteiras disciplinares deslizam entre teoria e poesia, história e ficção, vigília e sono, realidade e representação. “Nessa estética sem limites de Borges”, comprova-se o desaparecimento das oposições que definiam as diferenças sistemáticas de doutrinas mais rígidas, assim como o rigor dos sistemas e o otimismo neopositivista dos modelos científicos (BEHAR, 1998, p. 16-17).

¹ “*Cet aveuglement est tellement profond qu’il rend impossible de conserver une perspective réaliste sur le monde. Renonçant à notre matérialisme spontané, qui présuppose une foi minimale dans les pouvoirs de l’intellect rationnel, Borgès préfère adopter une hypothèse audacieusement idéaliste: celle, on l’a dit que le monde possède un ordre que nous ignorons, tout à fait différent de sa rationalité apparente, ordre qui assigne à tout événement une fonction précise et nécessaire*” (QUILLIOT, 1988, p. 297).

Depois de dados abundantes reunidos por Emir Rodríguez Monegal em *Borges par lui-même*, primeiro, e em outros livros, depois, já resultaria redundante fazer constar que M. Blanchot, M. Foucault, J. Derrida, G. Genette, também J. Baudrillard, H.R. Jauss, E. Levinas, J. Barth, P. de Man, H. Bloom, G. Vattimo, J. L. Lyotard, U. Eco, e tantos outros pensadores, escritores e realizadores desta segunda metade do século partem das considerações e das ficções de Borges. Tudo *passa* por Borges, é ele passagem obrigatória, o trânsito e a causa inicial. Tantos poetas, tantos teóricos e críticos se ocupam da imaginação de Borges, que a imaginação de Borges ocupou o mundo. Não em vão, um crítico norte-americano propunha “nominar Borges” o emblema desta era. Eu acrescentaria ao emblema a inscrição *ante litteram*, mas essa é outra história. (p. 15)

A posição radical da ensaísta diante do papel fundador da ficção borgiana em face dos demais discursos merece ser discutida, considerando-se o próprio conceito de fundação e a temerária ideia de pertencer a imaginação ficcional a um só autor ou a um discurso propenso a abarcar o mundo. A eleição do escritor argentino como precursor do ideário ficcional da modernidade contradiz a poética borgiana, pois torna-se inadmissível aceitar que princípios causalistas promovam a existência de teorias. Com a conhecida frase de Borges “o escritor é que cria os seus precursores”, abole-se a dimensão temporal das relações afetivas e instaura-se o livre trânsito de empréstimos, sem a adoção de um paradigma específico. Corre-se ainda o risco de transformar a ficção borgiana em categoria absoluta e mundializada, capaz de penetrar em todos os ramos do saber e de abrir as portas da literatura de todos os tempos. O antídoto para a desmesura e a infinita potência desse discurso é proceder com cautela, utilizando as próprias limitações

históricas que os conceitos e as metáforas sofrem no interior do discurso crítico-teórico.

Antológica tornou-se a apresentação de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, em 1966, na qual Borges é o nome que convida à reflexão filosófica do momento, com a citação da inusitada “Enciclopédia chinesa”, capaz de embaralhar os princípios norteadores do pensamento ocidental. Esse marco histórico da episteme estruturalista representa o início do olhar desarmado do europeu frente à América Latina, que passa a rever os diferentes tipos de racionalidades com a ajuda do imaginário presente nos textos de Borges. Embora a lógica inusitada permita a constatação de lugares heterotópicos, da presença do Outro diante da supremacia europeia do Mesmo, o sorriso de espanto de Foucault, no entender de Silvano Santiago, duplica “tanto antigas leituras europeias das culturas colonizadas, quanto modernas leituras latino-americanas das culturas colonialistas”. Nesse sentido, Borges torna-se exportador de exotismo, “re-alimentando o esgotamento cultural e artístico do Ocidente europeizado”. De que forma Foucault se apropria da “realidade” latino-americana descrita metaforicamente por Borges? Ao descobrir lá na França que a China é aqui na América Latina e acolá, na Ásia. Ao descobrir que tudo é familiar (SANTIAGO, 1998, p. 34-35).

Compartilhar a posição de Lisa Block de Behar de ser o discurso ficcional borgiano contaminado por ingredientes teóricos que o colocam no mesmo patamar dos textos representativos do saber contemporâneo – por não mais sustentarem os antagonismos entre “criação e crítica”, “obra de imaginação e obra intelectual” – significa acreditar no caráter inventivo da teoria e na força teórica da ficção. Mas entre a defesa

da ficção fundadora de Borges, no espaço interdisciplinar dos discursos das Ciências Humanas, e a sua condenação realizada pelo filósofo, ou a cautela demonstrada por Costa Lima diante do valor essencial atribuído a esse discurso, a saída é conseguir articular o conceito de ficção com o da História, assim como o estatuto da estética borgiana com outras manifestações discursivas. Se a acusação de ter sido o saber teórico da modernidade dominado por critérios universalistas e pela autoridade teórica dos conceitos, a outra face da moeda não poderá se manter ileso, por defender a autonomia de um discurso que já nasceu híbrido e multifacetado. É importante ainda apontar os limites que a leitura dos teóricos franceses revela sobre a obra de Borges, pois ao lado da dívida para com esse universo ficcional, reforça-se o desconhecimento do imaginário latino-americano.

Ao se propor o desafio de que Borges emblematiza, com seu nascimento em 1899, a morte do século XIX e a vida do XX, não é de se estranhar que sua obra tenha cumprido o destino de uma abertura para o futuro. Na virada do século, constata-se o poder de uma literatura que se notabilizou pelo altíssimo grau de potencialidade e de desapego aos marcos históricos, ao retraduzir poéticas narrativas que pertencem tanto ao século passado quanto ao atual. Se ainda a estética de *fin de siècle* vale-se da indefinição de estilos e da releitura dos vazios da modernidade, Borges permanece, inevitavelmente, como uma das agudas vozes do presente.